

RESENHA

Negerplastik/Escultura Negra

Autor: Carl Einstein

Tradução: Inês Araújo e Fernando Scheibe

Editora da UFSC, 302 páginas, ilustrado

Por Prof. Dr. Ronaldo Mathias - Prof. De Arte e Cultura Africana da Pós-graduação do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

A interpretação da produção artística africana sofreu, a partir do século XIX, de duas anomalias. A primeira, *oriunda* de teorias evolucionistas, nomeou esta produção como um artefato de culturas primitivas pouco sincronizadas com os avanços da modernidade ocidental. A segunda apenas a enxergou a luz de juízos estéticos que mais negavam sua potência criativa quanto menos olhavam o próprio objeto. A publicação de NEGERPLASTIK pela Editora UFSC preenche então uma importante lacuna, quase cem anos depois, sobre a produção artística, existente há séculos, no continente africano.

Num sentido oposto a essas visões teóricas datadas, o alemão Carl Einstein, escritor, historiador da arte e crítico, provocou grande impacto quando, em 1915, publicou *Negerplastik* (escultura negra), analisando o volume, espaço, perspectiva, forma, movimento e plasticidade da arte negra. O século XIX terminara sob a égide da Conferência de Berlim (1885) que dividiu e explorou a África sob o comando europeu, iniciando naquele período não somente a prática do genocídio moderno como também alimentando as raízes da 1ª Guerra Mundial. Neste cenário racista e xenófobo, *Negerplastik* apresenta-se como a primeira análise da arte africana no plano formal, sendo 111 esculturas máscaras, estatuetas, taças, trompas, bancos, efígies, bustos, cabeças, relicários, postes funerários.

Até o início do século 20, inexistiam estudos sobre a plástica africana, dita tribal e primitiva. As informações que cruzavam o Atlântico vindo da África rumo ao Norte eram produzidas por uma leva cada vez maior de antropólogos e etnólogos muitas vezes a serviço das potências europeias. Estabelecer ligações entre o chamado primitivismo negro e a modernidade era não somente inovador, mas também visto com certa estranheza, mesmo que artistas europeus já tivessem demonstrado bastante interesse pelas formas africanas reveladas nas vanguardas, principalmente no Cubismo de Picasso.

Análise

O livro compõe-se de uma Apresentação de Liliana Meffre, da Universidade de Bourgogne, França, um Anexo de Roberto Conduro, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e o texto, propriamente dito, *Negerplastik, de Carl Einstein*, dividido em cinco partes: Observações sobre o método, o pictórico, religião e arte africana, visões do espaço em três dimensões e máscaras e práticas similares. Ao final, estão documentadas 111 imagens de esculturas de diversos países do continente africano.

No início do ensaio, em Observações sobre o método, Einstein apresenta sua análise dizendo que são “artefatos provenientes da África como obras de arte (esculturas, máscaras, tatuagem), os relacionando às tradições socioculturais das quais provêm e ao devir da arte em sentido universal, são discutidas questões referentes à percepção e criação artística, forma e espaço, corpo e sociedade, bem como à história, crítica e teoria da arte”.

O distanciamento entre a escultura europeia e a africana se evidencia segundo o caráter dramático do julgamento sobre as obra de arte mais do que a elas mesmas. O desconhecimento da cultura africana aliado ao olhar etnocêntrico do europeu impedia a percepção da diferença existente entre a linguagem tridimensional dos dois continentes. “É preciso desconfiar de quem continua fazendo descrição puramente externa sem jamais chegar a outro resultado senão dizer que um pente é um pente”.

Assim, seu método de análise não ampara nas teorias evolucionistas que nunca classificam a alteridade humana como uma criação artística. Para isso, Carl compreende exclusivamente as esculturas como construções formais para com isso chegar à obra de arte como “precisamente o acordo essencial entre a percepção universal e a realização particular”.

Em O pictórico, Einstein é categórico ao afirmar que foram “os pintores e não os escultores que levantaram as questões decisivas sobre a tridimensionalidade”. Uma escultura sempre se realiza a partir do pictórico que sempre informou, anteriormente à consciência da linguagem tridimensional, a emoção pictórica. Com isso, no caso da arte europeia, a confusão entre o plástico e o pictórico terminou com a derrota da escultura, segundo ele.

Indo além, a arte africana dispensava o olhar curioso e contemplativo do espectador, caracterizando-se como manifestações de uma genética e não como arranjo de um criador no ápice de sua afetividade diante de um espectador no auge de sua emoção. Enquanto a arte europeia esforçou-se em desaparecer sua plasticidade, condicionando sempre um diálogo permanente entre o escultor e o espectador, numa “perífrase do efeito produzido”, mantendo esquecida a construção do espaço em suas três dimensões, ao contrário, a escultura negra cultivou as formas plásticas puras. Em suas palavras “A escultura negra revela-se do ponto de vista formal como poderoso realismo”.

A manutenção deste ambiente de plasticidade na África, esteve associada a relação entre Religião e Arte Africana, terceira parte do texto. A escultura africana é produto de uma criação divina. O obra é sempre mais importante que quem a cria e o espectador nunca é considerado, já que adora os objetos na obscuridade. “O que caracteriza as esculturas negras “é uma forte autonomia das partes; o que é também fixado por regra religiosa”, com isso não ocorrendo um modelo individual. O realismo formal é inerente à obra que possui uma realidade mítica que ultrapassa à natural, diz Carl.

Podemos com isso, ampliar nossa própria compreensão da escultura ocidental tendo em mente que não nos aproximamos nunca verdadeiramente da força criativa desta linguagem pois buscamos sempre uma identidade moldada pelo desejo da observação contemplativa e descompromissada. A plástica negra não é símbolo de algo e isto a mantém e garante a unidade entre as dimensões constituintes da linguagem, abolindo a base e os acessórios expositivos que não a caracterizam. Esta inquietante reflexão nos coloca então diante de uma permanente questão Como uma obra de arte (escultura) pode oferecer uma equação geral do espaço? Em A visão do espaço em três dimensões isso é respondida.

A proposta de compreensão formal da arte negra inside em dois movimentos; num evitar enxergá-la como lembrança inconsciente de uma forma artística europeia qualquer e noutro estuda sua própria natureza formal. Basicamente o que Einstein especifica o apelo à unidade que não se alcança por um esforço do espectador mas a partir da própria massa compacta. Assim os elementos constituintes das três dimensões são apresentados simultaneamente num único campo visual onde o volume

é exclusivamente apresentado como clarificação da forma, daí a diferença da arte europeia.

Uma crítica comum à época feita a escultura negra, vai ser desmontada pelo autor “Censuram-se repetidamente nas estátuas negras os supostos erros de proporção. (...) não é seu tamanho que é determinante, mas muito mais a expressão do volume que lhes cabe figurar sem concessão”. Sendo a arte uma questão de intensidade por que o valor dado a monumentalidade ou à grandeza? O movimento que é garantido, por exemplo, pelo elemento orgânico, não possui nenhum sentido particular em arte, apenas evidencia o movimento.

Por isso é importante lembrar, como queriam os cubistas, que a percepção do volume encontra-se na sua totalidade e não com o volume ou com a linha geométrica isolados. A forma não se liga à massa nem à proporção mas à unidade das partes. “Pés largos, por exemplo, não são largos porque possuem a função de carregar, mas porque o olhar inclinado para baixo tende, às vezes, a alargá-los ou porque procuramos, por contraste, um equilíbrio com a bacia”.

Na última parte, Máscaras e práticas similares, Carl Einstein encerra apontando o que já se evidenciava sobre esta arte negra como as feições inumadas e impessoais. É que a existência mítica (termo usado pelo autor como sinônimo de religioso), como ele diz, independe da aparência convencional assim como a rigidez do rosto é liberada de qualquer origem psicológica, pois assim pode-se bem perceber que nada ali é singular. Ou seja, o que era até então visto como primitivo, precário e infantil, evidencia-se pelo seu oposto, explicitando a falta de entendimento da arte de quem exprimia um juízo estético tão pouco próprio para isso. As obras criadas por estes artistas não representam nem buscam um significado, mas são por si mesmas a expressão máxima do culto ao sagrado.

Negerplastik representa o que existiu, para época e para os dias de hoje, de inovador sobre a compreensão artística da produção tridimensional africana. Toda a análise, plástica e conceitual, responde à proposta inicial de seu trabalho: um exercício de compreensão do outro, da materialidade da cultura humana, imperceptível até aquele momento e pouco clara ainda hoje. O leitor pouco habituado à linguagem

tridimensional poderá encontrar alguma dificuldade com a leitura, mas nada que o impeça de compreender o sentido tanto do texto quanto da arte africana.